

# Pirajá - o nome e a Matriz

Início estas considerações com a proposta etimológica de Teodoro Sampaio ao vocábulo Pirajá, definido como o viveiro de peixes, nome dado ao estreito vizinho de Itapagipe. Por esteiro entende-se: braço de rio, ou de mar, muito estreito, que se mete pela terra, ou roçaria e ilha algum sítio, e talvez fica em seco com a vazante, conforme está no Dicionário de Língua Portuguesa de Moraes. Entretanto Frederico Edelweiss, o maior conhecedor do tupi em nosso meio, contesta esta origem, afirmando: "A etimologia aventada por T. Sampaio seria linguisticamente inacreditável, ainda mesmo que Pirajá fosse a forma primitiva do termo. Tal não parece, porém, ter sido o caso. Lê-se Pirajao e Piraján no Instrumento de Serviços, de Mem de Sá, formas que a edição de 1825 da Notícia, de Gabriel Soares, parece confirmar. Ora pirajão e pirajão designavam na Bahia a palmeira pupunha ou babunha, segundo A. Inácio de Menezes, na Flora da Bahia. Quanto à etimologia da palavra, não cremos que seja termo tupi, pois piraján também ocorre na Venezuela, onde, segundo os nossos conhecimentos de hoje, nunca houve tupis".

A igrejinha erguida no século XVI pelos jesuítas teria sido por primeiro sacerdote o padre Vicente Rodrigues, que nela pregou o Evangelho e ministrou os sacramentos. Com efeito, o templo é obra dos primeiros missionários que, por ali, disseminaram a fé cristã tão logo ultrapassaram os muros da

velha Soterópolis de Tomé de Souza. Em seu Tratado Descritivo do Brasil, de 1587, também conhecido como Notícia do Brasil, Gabriel Soares de Souza tenta uma descrição do local, informando: "um engenho de açúcar de S. Majestade, que ali está feito com uma igreja de São Bartolomeu, freguesia daquele limite". Inexistindo outra informação sobre a paróquia criada por D. Antônio Barreiros, terceiro bispo, ou mais provavelmente, por D. Pedro Leitão, segundo prelado do Brasil, é possível supor que Pirajá foi a primeira paróquia criada no interior baiano, após a de São Jorge em Ilhéus.

Geograficamente bem situada, cercada de engenhos e roças, a Matriz de São Bartolomeu desempenhou papel relevante na história baiana, tanto no tempo quanto na área ocupada, nela se batizando e se casando os primeiros habitantes da região. O silêncio documental sobre Pirajá manteve-se até o segundo século, surgindo, como registra, em 1638, data que recorda a reunião dos chefes militares brasileiros e lusitanos contra o invasor holandês, unidos na resistência em defesa da Cidade do Salvador. Depois, fez-se novo silêncio sobre a igrejinha e o seu entorno, até que, em 1757, na "Relação Topográfica da Cidade do Salvador da Bahia", o medidor de obras da cidade, Manoel de Oliveira Mendes, declara que a Matriz de São Bartolomeu encontrava-se em ruínas, tendo três capelas faltas, 156 fogos e 897 almas. Mas a referência mais significativa que se faz a Pirajá guarda relação com a campanha libertadora baiana, tendo seu velho templo assistido e presidiu um dos fatos mais significativos da nossa história. No seu interior, aos pés da venerável imagem de N.Sa da Piedade, que se encontra no altar-mor daquele templo, prostrou-se o Exército Liberta-

dor que, em andrajos, mas envolvido pela luz da vitória agradecendo a proteção recebida, tomou-a como sua Padroeira, como padroeira do Exército Brasileiro, conforme escreve o padre Manuel Barbosa.

Desde 1824 iniciou-se uma romaria para aquele local que, a cada ano se repete, com intensa vibração patriótica e grande curiosidade local, recordando a mais aguerrida batalha da campanha de 1822 a 1823 naqueles campos. Tendo o General Labatut, herói sem glória daquele embate, falecido a 4 de setembro de 1849, foi ele sepultado na Igreja da Piedade, no distrito de São Pedro. Do seu testamento constava a cláusula de que suas cinzas repousariam na Matriz de Pirajá. Quatro anos depois, de acordo com o referido dispositivo legal, foram seus ossos transladados em grande romaria. Primeiramente, a urna de mármore foi removida para o Arsenal da Marinha, de onde foi conduzida, por mar, até Cabritó e, finalmente, à Matriz de São Bartolomeu. Quando de sua visita à Bahia, em 1859, D. Pedro II, acompanhado de veteranos da Independência, visitou os campos de Pirajá e a igreja, depositando flores no túmulo do combativo soldado. Todavia, contrariando a última vontade do herói, a Liga Baiana de Educação Cívica mandou construir um panteão ao lado do túmulo histórico, nele colocando, a 26 de julho de 1914, uma urna contendo os ossos de Labatut. Contra essa atitude, verberou o padre Manoel e Aquino Barbosa em incendiado texto, intitulado "A Matriz de Pirajá" reunido no volume Retalhos de Um Arquivo. Quanto a mim, considero que, no citado panteão, ora cercado e protegido, Labatut recebeu o merecido destaque e acolhe as homenagens anuais que lhe são prestadas.